

COMUNA LIVRE

Orgão e propriedade da UNIÃO ANARQUISTA COMUNISTA

QUINZENARIO

Redacção e administração:

No Norte: R. Fernandes Tomáz, 224—Porto

No Sul: T. dos Fieis de Deus, 123, rje—Lisboa

Director: Bartolomeu Constantino

Editor: Domingos Pereira da Rocha

Comp. e imp. na TIPOGRAFIA PENINSULAR—R. dos Mercadores, 171

ASSIGNATURA

12 mezes 30 cent. Para os outros pa-
6 " 15 " zes acresce o impor-
3 " 7,5 " te do correio.

Avulso 1 centavo

ENFIM

Neste recanto do extremo ocidente da Terra, de ha muito que a necessidade impunha o despertar do torpor, e caminhar para a luta, para a Vida.

Assim foi que, não olhando a más vontades opostas, nem ao prejuizo que nos adviesse, nos abalançamos ha já longo sempo ao empreendimento finalmente efetuado.

É certo que todos os embaraços se preparam para que a Anarquia, pura e bela, se não possa patentear tal qual é. Mas o Ideal, que sentimos e amamos, não admite subterfugios, e dar-nos-ha alento para conquistarmos as barreiras, que a ignorancia, a indolencia ou a mesquinhez de sentimentos tentem levantar, para que a Razão seja sufocada e a Verdade não triunfe.

Proseguiremos sempre no caminho encetado, deligenciando levar a Luz ao trabalhador.

Neste periodico, cuja publicação fazemos sem o menor intuito mercantil, não caíremos a discutir factos inuteis, senão prejudiciaes, á Liberdade. Nele, assim como na organização que o publica, todos os camaradas podem cooperar, tendo por norma, para que os reconheçamos como taes, a coerencia, a lealdade.

E todos concorrerão para fortificar o que finalmente em Portugal se conseguiu.

A FERRER

Bandidos de coroa e espada, cruces e togas, em 13 de Outubro de 1909, assassinaram em Espanha, quem só por delito tinha espalhar o Bem, o Amor.

Mas, esses que enlameiam a humanidade, e infelizmente a ela ainda pertencem, não puderam, com o seu nefando crime, realisar o que almejavam: matar a Liberdade.

E' certo que a Dor a tocou, mas o sangue de Ferrer alastrou, passou alem da sombra maldita, do execrando castelo de Montjuich, e germinou.

Fizeram, sim, que o ómem, a materia se evolasse, mas a sua obra jamais a puderam destruir.

Vampiros! Causasteis a angustia aos filhos idolatrados, sem vos tocar sequer, os rogos ardentes do amor filial, que vos suplicavam compaixão.

Mas, se o vosso sentimento é duro, implacavel, tambem os que ancia a redenção, saberão cumprir o seu dever.

E' pois, em omenagem à memoria de Ferrer, que escolhemos este dia, para iniciarmos a publicação do nosso periodico.

U. A. C.

SALVÉ

Um baluarte se levanta! Mais uma arma que os trabalhadores vão possuir para com ella entrar na luta. Mas... não é a luta titanica em que as massas exploradoras vêem á rua com armas na mão bater-se com a força militarista, que, na sua supremacia e interminavel ignorancia, assassina covardemente os seus irmãos d'ontem e que o serão tambem amanhã quando largne as armas, e torne a vir á premiscuidade da officina.

Não é a arma homicida que a burguezia deposita na mão dos trabalhadores inconscientes, sempre prontos em defender a propriedade privada; propriedade que só representa o roubo e a exploração.

Não é o baluarte que serve d'a brigo aos exercitos monstros que se batem por um trapo multicolor, juncando os campos, onde devia germinar o pão, de cadaveres de ómens fardados.

E' sim, o baluarte onde os trabalhadores, abrigam as suas ideias, lutando contra aqueles que já há seculos, por direito hereditario, os vêem explorando, e cerciando a educação.

E' o baluarte que vai fazer fogo de pena educando os que trabalham, abrindo-lhes, o cerebro, facultando-lhes a ciencia, para que eles saibam o que querem.

Por isso, Salvé baluarte! Salvé semente da ideia emancipadora do povo!

Nós te saudamos educador. Viva o Comunismo. Salvé! Anarquia.

(Lisboa).
(Pelo Grupo Dinamite Cerebral.)

Alfredo Cruz.

A BOMBA

Não é arma de adorno, que, trasida por portador pavoneado, atravesse salas e avenidas irradiando luz dos seus reflexos, nem se presta tão pouco a feitos românticos da cavalaria andante.

Arma d'acção, conscientemente empregada, é a defesa contra a opressão, um aviso da existencia de multidões soffredoras e espoliadas, sequiosas de uma justiça; uma barreira, onde a convenção termina a violencia, porque lhe teme os efeitos. Aviltada ou enobrecida, segundo os fins do uso; os mesmos que a teem condemnado como indigna, teem-se d'ela servido como valiosa auxiliar dos seus principios. E, porque se defende proletarios, contra despotismo, é omicida; mas se defende constituições, estado clero e militarismo, é nobre e belal...

Arma moderna, não de ataque mas de defesa; ella é a força que se antepõe á força, é a violencia que se justifica, contra a violencia. Na atmosfera que exige para a sua expansão, ella é o vivo reflexo das multidões, que, seccadas de direitos e liberdades, espludem na conquista do direito á vida, que principio algum pode coartar a humanidade, e muito em especial á que produz. E se ainda o exposto não é base bastante, procuremos nos relatos dos jornais a apoteose feita ao maior cataclismo que a actual sociedade está atravessando como seja a conflagração europea em que milhões de vidas estão sendo ceifadas em olocausto á mentira e á ganancia de Deus milhão. Af não teem duvida em se servirem do que encima este artigo, para complemento dos interesses dos sehores, embora que regada com o sangue dos produtores. Por isso, camaradas, não vos horroriséis com o efeito que as bombas pos-

sam dar, mas sim acatae o que de bom possa trazer para a humanidade em geral, com a conquista da Terra, Pão e Liberdade.

Avante pois pela Revolução Social.

Bernardino dos Santos

Presos por questões sociais

Comicio.—Manifestação nas ruas.—Exibição de forças

De ha muito que as organizações operarias vêem reclamando, dos diversos governos da republica, a liberdade dos chamados presos por questões sociais.

Os governos porém, que teem aberto as prisões ao enchame dos politicos que teem perturbado a ordem, teem em não atender ás reclamações do povo trabalhador organizado.

Neste processo sistematico em fazer politica de funil, está a prova como a burguezia, de que os governos são letimos representantes, encara os protestos das classes produtoras, lançando do ostracismo as suas mais justas aspirações.

Perante a indiferença, o desprezo dos altos poderes do Estado, aos rogos de clemencia para com innocentes inclausurados, victimas do caciquismo rural, que compete fazer ás organizações operarias?

Continuar de cócoras, pedindo?

Não! Não.

A União Operaria Nacional, que nem sempre tem enveredado pelo bom caminho, como na questão das subsistencias, em que arrelohou elementos que lhe podiam insuflar energia, deu, e fez bem, nesta magna questão dos presos por questões sociais, que

devia aceitar a cooperação dos organismos revolucionarios, como a União Anarquista Comunista, Juventude Libertaria e Sindicalista.

E' que em face duma manifestação de solidariedade, não deve haver igrejinhas que sempre disvirtuam as intenções, embora as mais elevadas.

Assim, neste conjunto de esforços se realisou o comicio de domingo, 3 do corrente, que apesar das patadas do «Seculo», foi uma bela manifestação.

Do «Diario de Noticias», folha independente, recortamos o extrato do comicio:

«Presidiu o sr. Evaristo Esteves, secretario geral da União Operaria, que exibe os fins do comicio, declarando que aquele organismo tomando esta iniciativa não faz mais que cumprir com os seus estatutos.

Seguidamente é lido o expediente, que constava de telegramas e officios de associações operarias de Lisboa e de diferentes pontos do país.

Fala em primeiro lugar o sr. Jeronimo de Souza que depois de protestar contra o procedimento da justiça na condenação daqueles operarios, recorda os factos passados na greve geral de 1912 e a morte do administrador da Molta o que deu motivo a prisão de muitos operarios e á condenação a pena maior de vinte dezes.

O administrador, diz, foi morto de noite e por uma multidão que se encontrava no local onde o mesmo foi assassinado, não se podendo, pois, saber ao certo quem foi o assassino. Nenhum dos implicados, que depois responderam, confessaram terem

praticado o crime e, apesar disso, todos foram condenados.

A justiça procedeu assim porque o juri composto de patrões, achou mais de se ver livre dos indivíduos, operários conscientes que vinham tratando da causa dos seus camaradas em desfavor daqueles.

Depois, o assassinio do administrador foi devido à sua própria atitude, que, quanto ao orador, não soube cumprir com o seu dever, tendo com o seu proceder acirrado os ânimos.

Quanto ao outro penitenciário, Silverio Marques, entende o sr. Jeronimo de Sousa que ele, matando assim o guarda que lhe assaltou a casa, procedeu como operário consciente e fez o que outro qualquer faria.

Referentemente ao Carlos Augusto da Silva houve necessariamente, diz um erro judiciário, pois como «chauffeur» que é, foi com o seu carro num serviço de praça ao largo de Santa Maria, sem indagar quem lhe tinha alugado o automóvel. Não podia, pois, ser ele quem atirou as bombas que vitimaram dois policias, matando um e ferindo outro.

Muito se tem reclamado junto dos poderes publicos para que a esses presos se dê a liberdade, diz, mas os governantes até hoje nada atenderam, tendo sempre enganado as classes operarias com a promessa de que na primeira amnistia eles serão incluídos.

O orador entende que neste momento a libertação dos seus camaradas tem de ser um facto e embora abdicando, mais um vez dos seus processos de luta, acha que devem ir junto do governo, pela ultima vez, patentear-lhe aquele desejo.

Assim lê a seguinte moção:

«Considerando que ainda se mantem presos e condenados trabalhadores por delitos sociais, que tem sido amnistiados e indultados indivíduos por delitos politicos e comuns; que as amnistias votadas e tem sido a pretexto de ser para os presos por questões sociais, os quais até à data não a aproveitaram e que a propria junta revolucionaria de 14 de maio englobou no seu programa de realiação imediata a amnistia dos mesmos presos; que apesar de todos os esforços empregados não se alcançou que fosse votada no parlamento o projeto de amnistia apresentado pelo deputado Costa Junior; que todas as entidades abordadas sobre o assunto foram de opinião que não sendo votado o projecto os presos seriam indultados em 5 de outubro, o povo de Lisboa reunido em comicio publico a convite das U. O. N., U. S. O. e F. I. resolve:

1. protestar contra o facto de até hoje os nossos camaradas não serem incluídos nas amnistias votadas.

2. Ir junto do ex.º sr. presidente da Republica e ministerio manifestar a aspiração da classe trabalhadora de todo o país para que sejam indultados os seus camaradas João Gonçalves Tormenta, Silverio Marques e Carlos Augusto da Silva.»

Fala a seguir o sr. José Capote, delegado da Associação dos Rurais de Vendas Novas, dando, em nome da mesma, todo o apoio ao movimento.

O sr. Duarte Salvado enaltece a manifestação de solidariedade que aquele comicio representa, manifestação que lhe dá supremo prazer, pois acha que os operarios, procedendo assim se afirmam nobre e altamente. Deseja, tambem ardentemente que os presos sejam postos em liberdade para que possam voltar ao seio da organização e de suas familias.

Referese ás injustiças sociais, condenando os politicos nas suas intolerancias.

O sr. Francisco Marque é um dos amnistiados, tendo estado seis meses na Penitenciaria e fala em nome da Associação dos Rurais de Aldeia Galega. Está tambem convencido de que o seu companheiro de prisão Gonçalves Tormenta está inocente e tem a certeza que a justiça duvida, pois no dia em que ele e outros foram amnistiados, o director da Penitenciaria pretendeu que ele e os seus companheiros dissessem se seria ou não o Tormenta quem tinha assassinado o administrador, pedido que não foi satisfeito porque eles não sabiam.

O sr. Manuel de Abreu fala em nome da Juventude Libertaria, e Julio Ferreira de Matos em nome dos ferro-viarios, alvitrando este que todos os presentes acompanhem a comissao que depois irá entregar a moção ao sr. ministro da Justiça.

O sr. Ribeiro Chula, outro amnistiado, representa a Associação dos Rurais da Moura e faz afirmações identicas ás do seu companheiro que antes usara da palavra.

O sr. Sousa Neves diz representar os mineiros de Aljustrel e vai ali em nome daquela classe levantar a sua voz em favor da libertação de João Tormenta, Silverio Marques e Carlos Augusto.

Não vem pedir piedade para eles. Não vem pedir o seu perdão. Ele orador, vem pedir justiça, pois, na sua opinião, esses três operarios não são criminosos—são victimas da má organização social, das lutas a que essa organização arrasta diariamente milhares e milhares de trabalhadores em todos os países do mundo; mas, criminosos que fossem, bem dura e cruelmente expiaram já o seu delicto.

Não vem ali clamar pela libertação dos presos, porque haja sido cúmplice ou tenha sido qualquer intervenção nos movimentos de que eles foram victimas. Não os conheces—oalmente, não participa das suas opiniões filosoficas nem é partidario da violencia sistemática nas lutas de classes.

O sr. Bartholomeu Constantino vem agora á tribuna usar da palavra. Está velho e alquebrado o propagandista de tantos anos. A sua voz está sumida e a cegueira persegue-o. Mas acima da sua doença, diz, está o seu coração, que ainda estremece,

por isso se arrastou até ali para profetizar algumas palavras a favor dos presos, tanto mais que ele tambem foi um dos implicados nesses acontecimentos, tendo sido depois amnistiado dum crime que não cometeu.

Agora, que vão estalar os foguetes como regozijo duma data memoravel, o governo podia e devia completar essa comemoração, abrindo as portas da prisão a esses condenados e entregando-os ás suas familias, que os choram.

No final manda para a mesa uma moção; em nome da União Comunista, Anarquista que ali representa, e que tem as seguintes conclusões:

«Que a união operaria; por meio dos seus delegados reuna os seus sindicatos e se mantenha em sessão permanente até 5 de corrente; que seja já nomeada uma comissao para que vá falar ao presidente do ministerio e exigir o indulto dos nossos camaradas, até 5 de corrente; e que no caso de não ser atendida esta exigencia, a primeira feita pelo povo operario á Republica Portuguesa, até 5 de outubro se declare a greve geral revolucionaria durante 24 horas.»

Depois de usar a palavra o sr. Raul Rezende, que representa a Associação dos Cheufeurs, fala o sr. Aurelio Quintanilha, em nome da Federação das Juventudes Socialistas, que entende tambem que os presos estão inocentes e convencido está de que a justiça não sabe se o Tormenta praticou o crime por que foi condenado. Está convencido, pois, que elle está preso unica e simplesmente á ordem dos caciques de Aldeia Galega.

O orador, desviando-se do assunto, de que a Federação Internacional das Juventudes Socialistas com sede em Zurich deliberara no dia de ontem realizar em toda a parte onde se encontrem organizações congéneres, sessões de propaganda contra o militarismo e contra a guerra. Nesse sentido officiou ás de Portugal, mas o officio chegou tarde e ele orador aproveitou a occasião para patentear a sua solidariedade para com a causa que aquelas Juventudes advogam. Apresenta nesse sentido uma moção.

«Depois de algumas explicações da mesa resolveu-se que os assistentes fossem entregar as moções ao presidente do conselho.»

O que se passa depois ultrapassou a nossa expectativa. Uma multidão enorme desce a Rotunda aos vivos á liberdade dos presos, e freneticos e entusiasticos morras á guerra: ao mesmo tempo que os acordes da Internacional fendem os ares, indo as suas estrofes revolucionarias fazer estremecer os pacificos burgueses, que faziam em plena Avenida a sua digestão. E desde a Rotunda até ao Terreiro do Paço, não se ouve outro cantico nem outros brados.

Da Praça do Comércio, seguiram os manifestantes para casa do presidente do conselho, na Rua Eduardo Coelho, sempre cantando com o mesmo intusiasm. Prevenida a policia, compareceu um piquete de cavalaria da guarda municipal republicana, que, devido á atitude da multidão, não praticou as costumadas abidades.

A comissao ficou de voltar no dia seguinte a saber a resposta, dispersando o povo sem outros casos dignos de nota.

Foi uma bela jornada para o movimento operario sindical e revolucionario.

Comemoração

A União Anarquista Comunista (Sul) realiza hoje, em Lisboa pelas 20 horas, uma sessão publica, na sede da Construção Civil, Escadinhas das Olarias, 14. É a comemoração da data funebre, em que a reacção hespanhola, assassinou Francisco Ferrer Y Guardia, apostolo entusiasta da educação racionalista.

Liberdade e Patria

I

Na luta que travada está entre o existente, asqueroso e decrepito, e a nova época de que já se livisa o resplendor, nem só ao homem compete o árduo se bem que honroso dever de constantemente pelejar. A mulher, sem duvida, tem igualmente de, com o seu precioso concurso favorecer a formação de essa sociedade sem degradações e baseada no Bem.

Admiráveis aquelas que assim tenham compreendido, e se esforcem por pratical-o.

É especialmente como mãe

que lhe impedem as responsabilidades de educadora. E é então que lhe compete preparar individuos livres de preconceitos, isentos de futilidades, para que não possam ser campo apropriado para a cultura do vicio.

O factor principal, portanto, consiste em fazer discernir o que seja Liberdade e Reação, e apreciar toda a engrenagem que nos prende e arrasta nos seus afiados dentes: patria, justiça, lei, moral, etc. Assim é que a Luz se fás nos cerebros e, finalmente se compreende a necessidade de proclamar-mos a nossa individualidade e não mais nos sujeitarmos á ignominia.

Nada de confusões. Se é certo que ao local em que nascemos chamamos pátria, precisamos e devemos, comtudo, ter a percepção do que isso seja, e aí está a acção educadora com um dos problemas a destrinçar.

Não é só dizer ou impor ao individuo que ame a pátria. Preciso é explicar que a noção de pátria trás logo á mente um espaço restrito, posto em prática para que possa haver diversas classes: dominadora e dominada;

que a divisao dos povos trás como sequencia o ódio entre elles, e para que isso se mantenha, é que, pela persuassão e pela violencia, devidas á ignorancia, personalidades ha que, inculcando-se como pertencendo a uma casta superior, preparam e fazem por manter o estado em que nos encontramos;

que taes senhores para si só querem o bem estar, a felicidade, enfim, o goso da vida, tendo o resto da humanidade como coisas, que para elles e por elles tem de trabalhar, sem o minimo direito a regalias, porque por muito felizes se devem ter, não passando de escravizados. E é para que isto se perpetue, e o capital subsista que os que jogam com os povos, os levam a bater-se por uma causa que dizem ser sua, quando só e unicamente favorece quem os domina.

Por mais que queiramos de outra forma encarar a questão, não nos é possivel, porque o raciocinio é a prática sempre nos tem demonstrado o mal que existe na causa burgueza.

A. B. C.

Instantaneos

DE REGRESSO

Entre a multidão, ávida, ansiosa, viam-se creaturas que ali estacionavam desde as primeiras horas da manhã, presentindo-se, no seu aspeto meditabundo, qua dolorosamente sofram. Mas no recôndito do seu intimo algo as esperanças de em breve verem os entes queridos que tão bruscamente lhes tinham arrebatado...

Subito, ao longe, ouve-se o silvo de uma locomotiva. No peito dos assistentes sente-se um leve estremeção, fugindo-lhes dos lábios, num grito simultaneo: —Hei-los!

A multidão oprime-se, na ancia suprema de os ter junto a si. Os gritos de alegria e o choro se misturam, se confundem com o toque das bandas marciais e o estralar dos foguetes.

Momento de angustia para uns e de jubilo para outros...

Em breve tudo está em marcha.

As manifestações do povo são vibrantes, entusiasticas...

A frente dos que chegam, vai ser engrinaldada de louros, devido tão só ao seu eroísmo, á sua bravura, ao sacrificio da sua vida, ao derramamento de sangue em oblação pela sua patria.

Vão ser recompensados todos os seus serviços, porque a Patria jamais esquece os filhos que por si vertem generoso sangue.

Decorridos são alguns mezes, quando entre os desgraçados, victimas da desigualdade social, que solicitam a negra esmola para viver se viam alguns dos estroplados defensores da patria, usando o mesmo degradante miter para não morrerem de fome. Todavia a burguesia olhava-os como cães leprosos.

Era a recompensa da patria.

Julio de Campos.

Abaixo os crimes da reacção clerical

Já lá vão seis anos sobre o tragico drama de Montjuich. Apesar do longo tempo já passado, o nosso sentimento de revolucionarios e de omens livres não podia deixar passar uma data para nós tão lembrada, sem entre fremitos de revolta, soltar mos o nosso mais vehemente protesto contra esse hediondo crime da reacção clerical.

Ao vir-nos á mente a recordação, do que foi essa tragedia, sinistra e bestial que se desenrolou adentro da maldita bastilha espanhola, sentimo-nos umilhados, por vermos que n'um seculo em que a humanidade se diz civilisada, se consentem crimes tão perversos, sem que as massas populares se levantem, revoltando-se, sancionando esse pus: o principio autoritário.

Ferrer, que, tendo alcançado uma fortuna, concedida por legado, podia por meio d'esse dinheiro, que tudo corrompe, alcançar posições e honrarias no meio da ierarchia social, tornandose um parasita e um tiranete, preferiu a tal elevação da sua personalidade, a prisão o sofrimento e a morte.

Possuindo um cerebro inteligente, um espirito esclarecido, compreendeu e viu que a escravidão, ha largos seculos sofrida pela humanidade era resultado da ignorancia e dos dogmas e preconceitos, que são ministrados ás creanças nas escolas que seguem o ensino laico e religioso, arrebatando-lhes todos os sentimentos humanitarios e sociaveis que nelas existem.

Ele então funda, a sua obra colossal, a Escola Moderna, escrevendo para as creanças, que nela aprendiam, livros com paginas, que entre sorrisos e alegrias, nos falam ao sentimento, como nos fala a nossa carinhosa mãe.

Mas a corja reaccionaria de Merry del Val, mancomunada com o governo tiranico de Mau-

ra e de La Cierva, presentindo que o desenvolvimento da Escola Moderna, era um perigo para a estabilidade da Egreja, maquinaram na sombra, a forma de eliminar Ferrer, assim como a sua obra.

Eis então que surgem os acontecimentos de Barcelona, e a reacção que espreita a presa para a tragar, dá Ferrer, como neles comprometido.

É preso, e movem-lhe um processo mentiroso e despotico, feito á vontade dos seus adversarios, pelo que é julgado e condenado á morte.

Reacção, nestas simples linhas, traçou um livre pensador o teu crime hediondo e perverso que reclama vingança.

A sombra de um Deus tens cometido todos os crimes, contra os homens altivos que, empunhando o facho luminoso da sciencia, te vêem abalando o edificio corcomido e pestilento.

A tua moral é perversa e debochada.

Dizes nos mandamentos da egreja:

Não matarás. E o corpo dos pensadores, rolam pelo chão varados pelo teu ódio:

Não roubarás. E tu roubas fortunas, fazendo da Egreja uma casa bancaria de compras e vendas:

Não cubicarás a mulher do proximo. E tu desonras, conspurcas donzelas.

Adentro dos confissionarios, procuras saber os segredos da vida intima dos casados, fazendo perguntas vergonhosas que fazem corar de vergonha os homens de sentimentos.

Basta monstro! Basta aves de rapina!

Desapareça a Egreja. Guerra de morte á Autoridade.

Coimbrões, 13 de Outubro de 1915.

Frederico G. Joblim.

Nucleos Sindicalistas

Ao camarada Neno Vasco.

Fabri referindo-se aos sindicalistas escreveu:

«Quando ouço falar de camaradas que fazem ostentação do abandono do nosso velho e glorioso nome, e, continuando embora a dizerem-se anarquistas de vez em quando, encolhem os ombros quando se fala de anarquia, procuram cuidadosa e complacentemente os inevitaveis erros do nosso movimento, zombam da propaganda futuristica em nome da prática, e polemizam azedamente comnosco, não posso então reter um sentimento de desconfiança. Não importa se as suas criticas são tomadas uma por uma, mais ou menos justas; tenho a impressão de me encontrar em face de gente que de nós se afasta, que nos abandona. E se nos abandona, mais tarde ou mais cedo abandonará o nosso ideal.

Entre os sindicalistas são diversas as linguagens, e nem todos dizem o mesmo. Dizem se sindicalistas muitos que estão no partido socialista, muitos que são anarquistas declarados e até simples corporativistas.

Em vista de tudo isso é menos equivooco, mais claro, mais correspondente a uma exata avaliação dos nomes e das ideias, deixar ao sindicalismo o seu significado preciso e original de um metodo de movimento sindical, sem dele fazer um pro-

gramo de renovamento e reconstrução, com o que causaria babilica confusão ou favoreceria o nascer d'um partido novo».

Foi escrito há anos, e parece que o foi agora, dedicado aos nossos sindicalistas.

Neno Vasco veio a publico tentar justificar a existencia dos nucleos sindicalistas—o que aliás não conseguiu—a pedido dos mesmos, porque os seus organizadores são os primeiros a reconhecer a sua pouca logica para o fazerem, pois dizem que esperam que «algum de reconhecido valor moral e intelectual lhes mostre o caminho a seguir».

Neno Vasco manifestou-se sem estudar a questão, sem ver que d'um lado estão aqueles que abandonando os grupos anarquistas, abandonando, por assim dizer, a propria propaganda, organisam os nucleos sindicalistas; e que do outro estão aqueles que, firmes no seu campo, querem continuar a ser anarquistas.

Disse Chalaye: «o sindicalismo resume-se apenas ao sindicato, mas quem quizer fazer sindicalismo fora d'ele, deve organizar o partido sindicalista.»

É o que eles fazem tanto que já organizam federações de nucleos e já preparam congressos.

¿Será a palavra sindicalismo sinónimo de uma determinada luta?? Não, mas sim de diversas lutas, pois que até o patrão que nos explora é sindicalista.

¿Como se compreende então que alguns digam que são anarquistas e sindicalistas? ¿Pois nós, como anarquistas, não to-

mamos parte em todas as lutas a favor do operariado? Se quisermos entrar no sindicato não podemos entrar como anarquistas? Podemos. E então que necessidade haverá de andarmos a meter o confusãoismo nas ideias organizando nucleos sindicalistas, tirando a força dos proprios grupos anarquistas? Haverá inconveniente em meter principiantes nos grupos anarquistas? Nesse caso organize-se um centro, onde caibam todos e eduquemos los até estarem aptos a entrarem nos grupos.

Para terminar, uma só coisa peço a Neno Vasco: E' que estude profundamente a questão e depois diga quem está dentro da verdade; se aqueles que nos abandonam para formar grupos sindicalistas, se nós, que continuamos firmes no nosso posto, a propagar o mais sublime ideal: **Anarquia.**

Henrique Fernandes.

N. V. — A falta de espaço leva-nos a retirar, d'este numero, umas considerações que sobre o assunto temos a fazer.

O orgulho dos que não podem edificar, consiste em destruir

Ao aparecer

Oje como ontem, amanhã como oje, sempre ha quem lute por uma causa pura, sã e bela.

Foi assim que vários sinceros camaradas, não temendo calúnias nem perseguições, se lançaram no arduo trabalho da verdadeira propaganda.

Já ha muito que se pensava em formar a União A. C., e se vem preparando a publicação dum periódico puramente anarquista, por se sentir a falta de uma e outra coisa, a falta de organização. Pois bem, ao aparecer, que vimos á luta contra aquelles que nada de bom produzem e todos os beneficios gozam, principiaremos por tentar cumprir a nossa missão.

Somos anarquistas, e como tal, a nossa propaganda tem de ser em coherencia como o Ideal. Queremos que a Anarquia seja divulgada, quer na officina quer no campo, na mina, na vila, e na cidade; tanto por intermedio do nosso periódico, como por folhetos ou pela palavra.

Para isso a U. A. C tem verdadeiros camaradas, dispostos a acionar sem deprimimentos tutelas.

Sim, nós tentaremos cumprir a nossa missão. Iremos patentear áqueles que sofrem como nós, a dor que o erro origina; demonstrar-lhes o que é esta sociedade podre, cheia de roubos, de crimes; fazer-lhes ver que já é tempo de despertar; que os individuos não nasceram para escravos; que a Terra pertence a todos! E então compreenderão finalmente que se a Terra de todos é, não mais deve haver escravos nem senhores.

O nosso periódico fará por destruir mentiras, despertar convicções, criticar os erros, que a má sociedade em que vivemos gera.

E ao aparecer, como anarquistas, proclamamos: querer pão, liberdade, ciencia e bem estar para todos; desejar uma sociedade nova, baseada no Amor; anciar que a pátria seja uma — a Pátria Mundial.

Porto.

Americo Joaquim Mesquita.

Como desejavamos e os camaradas compreendem, era nosso intento que este periodico saísse mais desenvolvido. Mas nós iremos procurando fazel-o, para o que contamos com cooperadores apropriados.

Regresso à Terra

Meu amigo:

Acabo de saber que vai enfim deixar a cidade, a que estava habituado. A sua aldeia, esse recanto da provincia onde nasceu, tenta-o agora mais que nunca. O barulho das ruas tumultuosas, com os pregões dos vendedores, canção e aborreço-o cada vez mais. O barulho dos carros e o borburiho urbano fatigam-no. Quando chega á porta da sua loja de commercio achatado, quanto vê e ouve, sem encanto algum! Que diferenças não nota, flagrante de destaque d'agora, para o tempo olvidado quasi, em que entrou para lá, ainda novo e imberbe tendo deixado a aldeia numa manhã d'inverno, trazido pelo pai que conseguira metel-o ao trabalho, depois de ter aprendido a escrever e ler com o reitor da freguesia?

Anos vão volvidos. Hoje, tendo tomado conta da loja, casado e com filhos pequenos, ao torrão natal quer volver, sem o desejo do mais amearhar. Em mais nada pensa. Vai mesmo em breve dar sociedade a um empregado que mais lhe agrada. Sente-se doente e acoburnhado, apesar de ainda não estar velho. A mulher, metida dentro de casa, sofre dos nervos, e os filhos estão longe de ter a saúde que deviam se não saíssem da aldeia!

A sua morada, onde reinava a abastança farta, onde uma meza estava sempre cheia de comedorias, parece um Hospital... E' rara a semana que não venha o medico a receitar para os mil achaques dos meninos, da esposa ou mesmo proprio.

No fim de jantar sente-se pesado com o ventre proeminente. Com dores nos artelhos, de reumatismo. Ascreanças estão cloróticas, apesar dos bifos em sangue e dos ovos, alimentos de força chamados, e de leite que aos quartinhos bebem. São enfermias vergontosas duma mãe amiga de chá e de doces, com os nervos em desequilibrio, o estomago fraco e os dentes todos abalados. Mesmo de «enterite» lhe tem morrido duas crianças, o que lhe deu grande desgosto...

A cidade que havia sido o seu sonho doirado nos tempos de creança, tornava-se hoje em continuo desamor. Parecia-lhe que devia deixal-a. Reacendia-se todos os dias o amor á Terra. Era uma resolução que lhe aparecia quando aos domingos saía de casa e da cidade, e ia de comboio ou de tramwa para os arredores do burgo.

Tempos depois, visitei-o, meu amigo, na sua aldeia. Como me encanta a sua casa dum andar só, á maneira ingleza, toda alegre com quartos e salas amplas, pintadas de cores claras, a sua varanda comprida coberta de trapadeiras, o seu jardim florido e a sua horta modelo e o seu Pomar cheio de arvores queridas. Um repuxo d'agua canta no meio da taça onde seus filhos brincavam descalços, quasi sem vestuario e tismados do sol. A horta, que era um primor, fornecia-lhe alimentos sadios, assim como do pomar excelente, belos frutos havia na sua meza e no fruteiro. Toda a sua familia tem uma aparência excelente. Desapareceram as doenças. O seu reumatismo acabou com boas caminhadas e com o trabalho agrícola. Os nervos de sua esposa estão normalizados. E os seus filhos crescem robustos e fortes como rebentos dum castanheiro.

O milagre operou-o a Natureza. Não mais comeu «cadaver» de animaes. As refeições foram sempre sobrias e sem excitantes; mas sim de frutas e legumes. As uvas das ranadas estão dependuradas pelos corredores. E não foram mudadas

No aniversario do assassinato

de Francisco Ferrer

Espanha do passado, o mejera maldita,
A quem manéja o braço o tórvo jesuita,
Onde germina à flux as sensações do mal,
Escuta:
Tens a ânsia servil da réles prostituta
E o rir dum canibal!
Ha mais lódo dispêrso
No teu corpo senil de loucas bachansais,
Que nos chárcoos mortais
Que existem no Universo.
Ha mais nêgro rancôr, estupidez, voragem,
No teu vil coraçào, que na fera selvagem.
Estas vivem nas sêlvias, isúrtas, desgrenhadas,
Obdecem ao instinto, á indole, a feréza
Com que os d'ótou emfim, a propria Natureza.
E vivem afastadas.
E tú, ó rei chacal; e tú, ó pádre reptil?
Apóstolos do Mal, alem, na encruzilhada,
Tendo nos lábios maus um sorriso d'Abril
E no bôlso escondida a naválha afiada.
O proprio már, o már, se rugo o vendavál
Agita-se e é mau... mas se a procéla amansa,
Tem murmúrios d'amôr, queixumes de creança...
E é sincero o már!
Mas vós tendes o olhá satânico do Mál,
E o rir de satanáaz.
E passais pela Terra em duro gargalhár
Espezinhando a Par,
Como o tufão audáz, mortifero, fatál.
O decorrer da vida é uma farçada atróz...
A Terra é um palco imenso, os atôres sôis vós...
Atôres? é mui nôbre, ó lurdos devassos!
«Arlequins, arlequins, fanambulos, palhaços!
Fá-lo de vós, ó rei, pádres, militarões
Políticos e mais outras aberrações...
E o mártir do Devêr, o Ferrêr da Verdade,
Bom como éra Jesús,
Um dia sucumbiu á vóssa cruéldade
Por que prégava a Luz.
Queria redimir a póbre humanidade
Pelo mais santo amôr,
Enquanto que a esvurmár o mais cruél rancôr,
Em nôme da Justiça, e em nôme da mentira,
Mandas-te-lo matár...
Veste de lúto e chóra a minha póbre lira,
Emudeceu a Terra e chóra o proprio már...

A vida, á vida, irmãos do meu edial sublime!
Caminhemos a pássio.
Na bóca sem cessár, um grito que redime,
E no peito febril uma vontade d'aço...
Á Vida, á Luta, á Luz! O heroi não descança
Nas brigas contra o Mál. E pelo ceu plangente
Resôa, qual troár de canhoneio ardente,
Nesta alvoráda mansa,
Um clamôr persistente
De raiva e vingança!...
Cantemos o Idial, avante, para a frente!

Salvaterra Junior.

em liquidos alcoolicos. O cigarro mesmo deixou de ser aceso. E a sua vida é outra! Um professor vem ensinar os seus filhos. Sua esposa está mais nova, e vigorosa nos arranjos domesticos. Vi-a estender roupa lavada, alva de neve, nos arames da avenida. E o meu amigo tem a força, regulada e a alegria

dos trinta annos. Regressou á sua terra e deixou a cidade onde preparava a morte.

E diga que eu não tinha razão em recomendar-lhe o «Naturismo»!

Porto—Fonte da Moura

Dr. Amílcar de Souza.

MANIFESTO A' Juventude! Ao Povo

Há quatorze longos mezes que milhões de jovens fardados se debatem fratricidamente na mais espantosa, horrivel e brutal carnificina, derramando mutuamente o seu sangue, trucidando-se, mutilando-se, degolando-se, como feras sedentas de carnagem, em prol de uma causa que lhes é oposta por isso que pertence aos seus verdugos os politicos e os capitalistas que se riem, ainda numa expressão de sarcasmo, da sua inconsciencia e ignorancia, mostrando-lhes simultaneamente o contraste dos seus palacios deslumbrantes, onde nada falta, com os tugurios infectos, onde se acobertam roçados de miséria e de doença!

Há quatorze mezes que milhões de trabalhadores, arrancados ao trabalho produtivo do campo e da officina, vêm sendo arremessados

como carneiros para a matança horripilante, enquanto os seus paes, mulheres, filhos e noivos vivem uma vida de torturas e de privações de toda a ordem, derramando sanguineas lagrimas de saudade, lucto e compunção!

Apesar disso, milhões de jovens desvairados pelos discursos inflamados dos grandes senhores, continuam patenteando uma passividade e resignação verdadeiramente criminosas, parecendo não quererem pôr termo á hecatombe infame, pois que possuindo a força necessaria para isso, obstinam-se em não combinar e entender entre si, para estabelecimento de paz, da fraternidade e do amor, dando o golpe mortal nas praticas selvagens da diplomacia odiosa.

Dilacera os corações mais empadernidos vé-los partirem dia a

dia para os campos de batalha, pisando a terra que semearam, incendiando as cidades que construíram, manifestando uma inconsciencia e uma ignorancia absolutas em face dos mais rudimentares principios da humanidade!

Compunge acerbamente as almas bem formadas, o assistir á sua partida para o teatro da carnificina soltando freneticos gritos de esterminio e de odio, exteriorizando sentimentos que envergonhariam os proprios canibales, bebados emfim, do entusiasmo creado ficticiamente pelas manifestações patrióticas dos bandos da alta finança, do alto commercio e da alta industrial!

Pois bem. «A guerra é o maior flagelo do mundo; extirpá-la é o maior beneficio que se pôde fazer á humanidade.

Basta de sangue! E' tempo de acabar com essa calamidade, sem nome em que milhões de irmãos nossos perdem a vida dia a dia. Que os bandoleiros do capital, essas feras insaciaveis, saibam de uma vez para sempre que a Liberdade, de que se dizem apostolos, é uma mentira ignobil na sua bóca, não sendo para a defesa, que ha tantos mezes se vem ouvindo o consecutivo troar dos canhões, a fusilaria das espingardas e o estampido das bombas explosivas! Não. Outro motivo mais forte os leva a proceder assim: a **sofre-guidão do ouro, a anela de esterminio e da grandeza.**

Basta de sangue, pois. Que o incendio europeu acabe quanto antes para bem de todos nós os que tudo produzimos e nada temos. O barbarismo não se compadece com a civilização do seculo XX, o chamado seculo das luzes.

Guerra á guerra! — eis a divisa que tem de ser adoptada pelos jovens de todo o mundo, os quais se devem capacitar definitivamente do que é esse cancro axoroso — o militarismo, e essa escola de desmoralização, do vicio e do crime — a caserna, instituição criada unicamente para defeza dos interesses mesquinhos dos capitalistas gananciosos. Por todas estas razões; agora que certos patrioteiros de *bórra* pretendem que Portugal tambem entre na contenda infamante é necessario que a juventude portugueza demonstre por uma fórma enérgica o seu protesto, fazendo ver a esses senhores que não está disposta a servir de carne para canhão.

(1) Resolveram já as organizações dos jovens libertários, socialistas e sindicalistas dos paizes neutraes e belligerantes levar á pratica comícios, manifestações, sessões de propaganda, etc. no sentido de pôr o mais breve termo á monstruosa e canibalesca guerra, que, repetimos, vem á quatorze longos mezes devastando a parte mais sadia e robusta da humanidade. Portanto associemo nos tambem a esse magnifico exemplo de solidariedade humana, para que uma nova Aurora illumine choriosamente unido todos os trabalhadores, todos os explorados como um só homem, se efectua a posse das riquezas sociais e se funde a patriada humanidade livre, sem fronteiras agrilhoadoras. Que seja este o nosso brado curioso.

**Abaixo a guerra!
Abaixo o barbarismo!
Abaixo o militarismo!
Viva a fraternidade universal!**

Editor

Nucleo Juventude Libertaria,
Lisboa

(1) N. E. — No proximo numero publicaremos um artigo que se prende com isto.

Tornemo-nos fortes, porque a grande enfermidade d'este seculo é a fraqueza.

Lacordaire.

Bartolomeu Constantino

De passagem, nesta cidade esteve, em princípios de Junho, este nosso querido e velho camarada, hoje diretor de este periódico.

Sempre o lutador incansável, o pugnador da Liberdade, e que conscio da sua acção benéfica, não se torna acomodaticio, apesar das violências do poder constituído.

A sua voz fez-se ouvir numa conferência publica, no «Grupo Recreativo e Excursionista das Flores», á Praça das Flores. Como não havia periódico anarquista que se a ela referisse, principiámos, no nosso inicio, a dar uma pávida resenha do que éle intitului:

Os anarquistas e a crise economica
CAMARADAS:

Hoje aqui me encontro entre vós, cumprindo o que ha tempos prometi a um grupo dedicado á Causa vossa.

Procurarei referir-me ao assunto que de momento mais me parece interessar a classe operária, e que é a conflagração europeia.

Não preciso descrever o que tal calamidade é, por ser um facto já conhecido, mas falar-vos-hei das suas consequências para os trabalhadores, e qual orientação que deveriam ter.

Talvez não agradem a alguns as minhas palavras, mas já José Prat dizia:—Tenho de ser violento, pois que para apreciar factos, não ha meios termos.

Eu como anarquista, tenho sempre seguido esta norma, não me importando de ser ouvido por este ou aquêlo, com agrado ou não. Nada de subterfugios!

Para mentir lá estão os politicos, e eu não o fiz nem o farei. E dito isto, entremos portanto a apreciar as coisas como elas são:

Os liberais, os anarquistas, nos seus discursos, nos seus livros e nos seus jornais afirmam que só uma Pátria existe, sendo essas diversas pátrias que para ai figuram, unica e simplesmente um pretexto para humilharem a humanidade, e vândios viverem pelo sacrificio, pela escravidão de milhares de individuos. E realmente assim é Não vos impordels com as charlatanices daquelles que constantemente vos impingem o patriotismo, e que as mais das vezes não sentem. Por qualquer motivo que aos senhores do mando não agrade, se, por exemplos, vós tentais reivindicar o que é vosso, logo os védes levantar alta grita, chamando-vos maus patriotas, traidores, e quantas infâmias se lebram lançar-vos em rosto.

Mas, compreendi bem; o que os escravizadores não querem é que a humanidade se liberte, para pudere continuar a viver á custa do alheio. E para nós, que só temos um inimigo, a autoridade, que importa que ela seja portugueza, hespanhola, franceza, chinesa, etc. Deixará a autoridade de ser pernicioso, não sendo exercida por este, mas por aquêlo? Não. Será sempre o mal, não tratará de outra coisa, que não seja tornar as classes trabalhadoras, escravas do seu poderio. E, sendo assim, como podereis aclamar-a, e aceitar de bom grado toda a sua engrenagem?

Desperta, oh! Povo! que já tempo é, e que o teu odio caia sobre os que de nós fazem joquete,

(Segue)

Ha mais luz nas 25 letras do alfabeto que em todas as constelações do firmamento.

G. Junqueiro.

Grève

Somos á ultima ora informados de que os operarios da «Construção do Caminho de Ferro do Barreiro a Cacilhas», se declararam em grève, para exigirem o cumprimento do que o ministro do fomento e o diretor geral dos Caminhos de Ferro do Sul, lhes tinham estabelecido o orario de 8 oras no inverno e que agora não querem satisfazer.

Nós diremos a esses operarios:

Trabalhadores, omens de bem, nada de desalento. Erguei-vos e falai de alto, e só assim vos atenderão. O escravizador só se sente forte enquanto que se lhe mostram submissos os que lhe fazem a sua grandiosidade, para fugir espavorido logo que os obreiros lhe sabem exigir o que lhes pertence.

Portanto, uni-vos e sabei cumprir o vosso dever.

O alcool não alimenta

Em 1900, por ocasião da exposição universal de Paris realizaram-se na grande capital vários congressos, sendo um deles sobre o alcoolismo, e ali se demonstrou a enorme soma de trabalho levado aifeito pelas numerosas sociedades de temperança, hoje espalhadas por todo o mundo civilisado.

Ocupando-se do assunto um jornal estrangeiro, (assunto que é tudo quanto ha de mais momentoso), publicou um espirituoso artigo em que o autor se mostra sumamente céptico e desanimado quanto aos bons resultados de semelhante campnaha.

E termina assim:

«O ebrio sabe qual é a gravidade do seu mal e, longe de atenuar os perigos que o futuro lhe prepara, compraz-se em agrava-los com as suas lamentaveis alucinações.»

Por seu turno o conde de Tolstói dizia ha pouco no meio do maior desalento:

«A cada instante recebo cartas de incredulos, de assassinos, de fumadores, de prostitutas, de ladrões, nas quais esses desventurados me afirmam que lendo os meus livros se tem podido curar dos seus vicios. Simplesmente ainda não tive a fortuna de receber um certificado de cura da parte de um ebrio.»

Seja qual fôr o pouto de vista por que o assunto se encare, a conclusão a que se chega é sempre esta:

A embriaguez é uma terrível calamidade a que poucos logram escapar, de que por ela se deixam empolgar.

Uma das circunstancias que bastante concorre para que o numero destes seja grande, é supôr muita gente que o vinho, isto é: as bebidas alcoolicas, alimentam, até certo ponto, e procuram á custa delas suprir a falta de natural alimentação, quando esse «déficit» se dá.

No conhecido livro *Confissões de um medico*, de origem russa, alude o autor a esse triste facto, isto é: a relação que existe entre o vicio da embriaguez e a falta de alimentação suficiente.

Diz que a ele mesmo aconteceu, numa epoca de privações, em que não ganhava para comer, surpreender-se ebrio, e ebrio inteiramente subjugado pelo alcool.

Só depois de modificadas as suas condições de vida, e de passar, portanto, a alimentar-se convenientemente, conseguiu furtar-se á acção daquelle detestavel vicio.

temente, conseguiu furtar-se á acção daquelle detestavel vicio.

Lutz Leitão.

Do «Mundo Moral».

A Intervenção de Portugal

Um dos maiores canoros da humanidade, é a guerra.

Desde Agosto de 1914, que os magnates da demagogia, veem fazendo apelos, manifestações ao povo, apregoando as vantagens que advirão a Portugal, se entra na contenda infamante, ao lado dos aliados.

Mas o povo, a classe trabalhadora consciente, não se incorpora em manifestações guerreiras, porque sabe muito bem que nada lucrará com a guerra. Sabe e disso tem a demonstração, que todas as guerras, sempre declaradas pelos grandes capitalistas, só lhe poderão trazer o luto, a miseria e a dôr!

Pelo relato dos jornais, o povo tem apreciado essas grandes batalhas, em que milhões de serês, se mutilam e trucidam mutuamente.

¿Pois se o povo, aquêle que moureja dia a dia, vai compreendendo que essa carnificina, que ha quatorze mezes, devasta uma grande parte da humanidade, é produto da alta finança da organização actual da sociedade, que divide ricos e pobres, exploradores e explorados; com que direito veem os politicos falar-lhe em sacrificios?

Que direito tendes vós, vampiros, em lhe pedir a vida em defesa da republica e da chamada liberdade?

Quem sois vós, que não córais de vergonha, ao terdes conhecimento, dos morticínios, e massacres em prol da liberdade e da civilização?

Vós, parasitas, profissionais do militarismo, sois os unicos culpados, de que milhões de vidas tenham deixado de existir, morrendo atrozmente no campo da batalha, devido á sua inconveniencia e ignorancia.

Não estais ainda saciados de sangue! Não bastou aquelles que morreram ha pouco nas vossas colonias?

Precisais mais e muito mais! Brevemente partirão, infelizmente inconscientes e obsecados, alguns milhares de homens, roubados ao trabalho produtivo do campo e da officina. E eles partem, soltando gritos freneticos á republica e á patria, que os condena á morte!

O' irrisião!
E, tu povo, não te revoltas. Não tens um gesto de humanidade; impedindo que vossos filhos a alegria do vosso lar; o amparo na velhice, vão morrer e matar em beneficio de uma classe oposta á sua — a burguezia.

Nota bem: é o capital que se debate no seu esterior:

A guerra é um flagelo; extirpa-la é um beneficio que se póle fazer á humanidade.

Pois bem! Se souberes aproveitar-te; porque é melhor morrer numa barricada em tua defeza do que morrer no campo da batalha em proveito da burguezia — terás um futuro mais risonho deitando por terra a organização burgueza e militarista.

Então a exploração do homem pelo homem, terá o sem fim.

Abaixo a guerra.

Abaixo a intervenção de Portugal.

Lisboa

Carlos José de Souza
(INUBIA)

Pedem-nos a publicação do seguinte:

SORTEIO

O que se tinha de realizar pela ultima lotaria de Outubro, e que se refere a

Preparação de copiográficos

Os copiográficos compõem-se duma massa a que se transportam os escritos feitos com tinta especial, bastando para isso a pressão da mão.

As receitas mais usadas são:

Gelatina	100	Goatina	100
Agua	375	Dextrina	100
Glicerina	375	Glicerina	1000
Kaolino	50	Sulfato de bário, Quantidade suficiente	

Derretidas as substancias e agitada a mistura até arrefecer, deita-se numa caixa de 2 a 3 centímetros d'altura.

Quando estiver gretada, da-se-lhe um banho-maria para voltar ao estado primitivo.

um retrato em tamanho natural, fica transferida para a de 14 de Janeiro de 1916.

CAUTELA SENHORES

De Evora comunicam-nos que acabam de ser presos naquela cidade, os camaradas Francisco Rodrigues Aparicio, Jeronimo de Souza e Joaquim Candeeira, por fazerem propaganda a favor dos presos por questões sociaes.

Os senhores do mando verdadeiramente desorientados, não cessam de praticar as suas costumadas infâmias. As perseguições, aos que trabalham, aos que amem a Liberdade dia a dia aumentam.

Legamos umanitarios e façamos saber que já é tempo dos processos inquisitoriaes acabarem.

Organização anarquista

Desde ha muito que se pensava numa organização com entendimento em todo o país, e assim se fez.

A convite do Nucleo Juventude Libertária, reuniram a 25 de Junho os seguintes grupos: Filhos da Comuna, Fenix Comunista, Avante e Alvorecer, que encetaram os trabalhos da U. A. C.

Proseguindo-se na orientação devida, recebeu-se a adesão da U. de V. N. de Gaia e do centro e sul de Portugal, e conseguiu-se organizar em Mamede de Infesta o grupo «Obreiros do Bem» no Porto, «Acção Libertária» e em Matozinhos o «Rebelde» estendendo se tambem a acção a todo o norte.

União Anarquista Comunista (Norte)—Reune na proxima quinta-feira, ás 21 horas.

Acção Libertária—Este grupo reune no domingo ás 13 horas.

Nucleo J. Libertária—Reune no proximo domingo ás 10 horas, tendo a tratar assuntos de importancia.

Fenix Comunista—Na terça-feira reune este grupo ás 20 horas.

Alvorecer—Segunda-feira tem, este grupo, a sua reunião, no local do costume.

Avante—Reune no dia, hora e local marcados.

Filhos da Comuna (For)—A's 11 horas, do proximo domingo, ha a reunião abitual de este grupo. Tem a resolver assuntos vários, sendo um de elles a venda do periódico.

Rebelde (Matozinhos)—Este grupo reune no dia e hora combinados.

Secção de Vila Nova de Gaia—Reune no proximo domingo ás 16 horas, para tratar assuntos de interesse para a propaganda.

Grupo Verdade e Luz
Reune hoje pelas 20 horas, este grupo para dar andamento a assunto urgentes.

União Anarquista
Comunista (Sul)

Em 3 de Agosto d'este anno reuniram na (Florescente) alguns camaradas, para que se reconstituisse a União anarquista no Sul. Como a convocação tinha sido feita pelo camarada Bartolomeu Constantino, este explicou os motivos da reunião, e leu alguma correspondencia que havia recebido da União A. C. (Norte). Leu tambem as bases de acordo e discutidas estas, foi emfim considerada reorganizada a U. A. C. Sul sendo nomeado o comité que ficu composto pelos seguintes camaradas: Bartolomeu Constantino secretario geral, Alfredo da Cruz, secretario adjunto e Joaquim Carreira tesoureiro. Nesta reunião deram a sua adesão os grupos: Dinamite Cerebral; J. A. Rebeldes União das Mulheres Anarquistas portuguezas, Libertario, d'Odemira, Algarve, e Rebelião d'Evora.

Tem avido mais adesões apenas individuais. Já foram enviadas circulares a alguns grupos, sendo de lamentar que ainda não tenham respondido, demonstrando assim não se quererem unir o que faz cair peja base celebre o «aforismo de que a União faz a força.»

APELO

A União Anarquista Comunista (Sul) Atendendo a que os trabalhadores, para melhor conquista aquillo a que tem jas devam estar naidos.

E vendo que a União dos anarquistas é d'uma estrema nessecidade em Portugal, pois que é deveras lamentavel que em toda a parte se apreguee a união como unico meio de lutar com exito e certeza de ter a victoria, e não se cumpra o que se diz.

Apela para os grupos da região do Sul para que ingressem dentro da União contribuindo assim para o desenvolvimento da propaganda e da acção anarquista.

Os camaradas que não estejam agrupados e queiram suelhar a União A. C. podem dar a sua adesão individual.

A Liga dos Amigos do Povo en viu a esta União um officio, pedindo o apoio moral ao movimento por ela encetado contra as roletas automaticas. Como se trata d'uma questão de moralidade, nós já tihamos aderido por natureza. E alem de nesse sentido lhe termos officiado, lhe lançamos o incitamento para que continue na sua missão moralisadora, pois que representa uma parte da educação do prolétariado, que infelizmente parece não querer livrar-se dos vicios e preconceitos que a sociedade, com a pessima educação, lhe tem imposto.

Rebemos da confederação Operaria Brasileira uma circular, pedindo para aderir ao congresso da paz, que se realiza no Rio de Janeiro em 14, 15 e 16 do corrente. Foi resolvido nomear, como delegados, os camaradas Manuel de Campos e Juan Castinheira.

E que alguma coisa se faça para terminar com a mortandade é o que desejamos.